



Brasil Pinheiro Machado, leituras sobre a historiografia brasileira

Luciana Cristina Pinto¹
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Doutoranda em História

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar os textos que compõem a análise parcial das fontes da pesquisa de doutorado em curso, em que investigo parte da vida do historiador e político paranaense Brasil Pinheiro Machado (1907-1997), especialmente na sua relação com a leitura. O livro *Três cadernos de História, ideias e reflexões*, escrito por Brasil Machado foi publicado pela editora Arte e Letra em 2002, com trabalhos importantes desenvolvidos pelo historiador. Composto por três capítulos, analiso aqui os dois primeiros, intitulados: *Primeiro Caderno: a História da historiografia brasileira – a História Sociológica* (a historiografia de Oliveira Viana) e *Segundo Caderno: a História da historiografia brasileira – a História Sociológica* (a historiografia na obra de Gilberto Freyre), escritos respectivamente em 1959 e 1960. Este exercício auxiliará nas análises das fontes bibliográficas das produções deste indivíduo que me proponho estudar, porque ao investigar parte das suas impressões de leitura sobre a história, busco as reações do engajado leitor. Esta proposta, portanto, foca nas informações desta fonte que traz elementos relevantes para a compreensão do contexto em que Brasil Machado escreveu, durante o processo de modernização brasileira na primeira metade do século XX, onde certos intelectuais priorizaram o conhecimento histórico-sociológico em seus estudos e pesquisas. Convém registrar que a fonte analisada e todo o Acervo pessoal de Brasil Pinheiro Machado estão no Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH), sob a guarda do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Palavras-chave: Historiografia brasileira, história sociológica, leituras.

¹ Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



Investigo parte da vida do historiador Brasil Pinheiro Machado, nascido em 1907, na cidade de Ponta Grossa (PR), especialmente na sua relação com a leitura. Brasil Machado atuou na política e foi professor de História do Brasil por mais de 30 anos na Universidade Federal do Paraná, e faleceu em 1997, em Curitiba (PR). Ao longo de sua trajetória leu e fez anotações refletindo sobre temas relacionados à História.

Alguns destes textos desenvolvidos por Brasil Machado foram reunidos no livro *Três cadernos de História, ideias e reflexões*, publicado pela editora Arte e Letra em 2002. A edição é composta por três capítulos, e aqui analiso os dois primeiros, intitulados: *Primeiro Caderno: a História da historiografia brasileira – a História Sociológica* (a historiografia de Oliveira Viana) e *Segundo Caderno: a História da historiografia brasileira – a História Sociológica* (a historiografia na obra de Gilberto Freyre), escritos respectivamente em 1959 e 1960. O terceiro capítulo é sobre *A formação da estrutura agrária tradicional dos Campos Gerais*.

O formato do livro é pequeno, com menos de cem páginas apresentando leituras e estudos do autor, e “o principal objetivo da publicação é tornar acessíveis ao público alguns trabalhos de Brasil Pinheiro Machado, devido à importância de suas contribuições à história paranaense e brasileira”, fazendo uma homenagem à sua pessoa e ao seu trabalho. (TIZZOT, 2002, p. 7).

Frederico Marés Tizzot, no texto de apresentação, argumenta sobre a importância das pesquisas de Brasil Machado que demonstra, a partir da construção de um conceito histórico voltado à análise e à interpretação das fontes, auxiliado por outras ciências, que a História deixa de ser um método que comprova e acumula fatos e passa a ser uma ciência preocupada com o desenvolvimento e evolução social; nesse sentido, adquire grande valor teórico. (TIZZOT, 2002, p. 7).

Portanto, com essa característica interdisciplinar, Brasil Machado dialoga com os textos dos sociólogos Oliveira Vianna e Gilberto Freyre, escrevendo durante o processo de

modernização brasileira na primeira metade do século XX, quando certos intelectuais priorizaram o conhecimento histórico-sociológico em seus estudos e pesquisas.

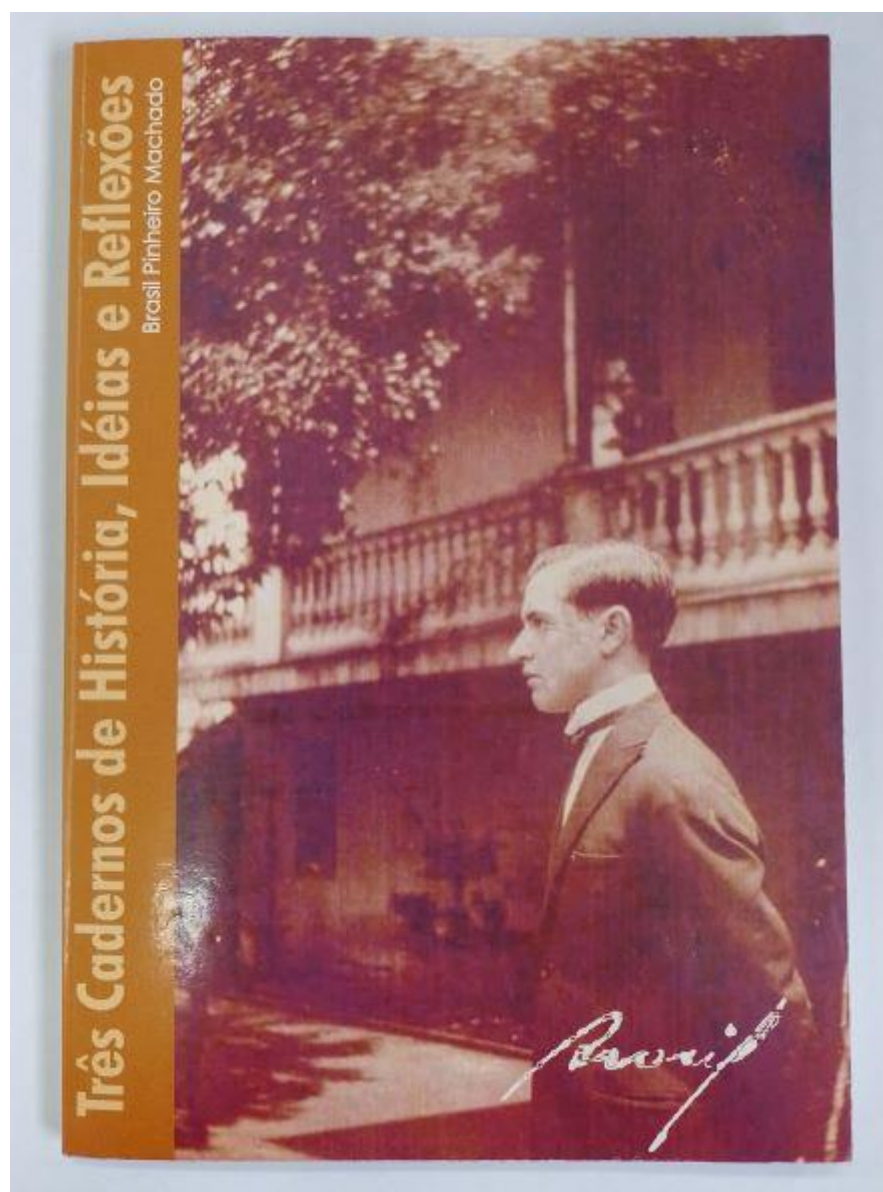


Imagem 1: Capa do livro. MACHADO, B. P. Três cadernos de história: ideias e reflexões. Curitiba: Arte e Letra, 2002. Acervo Brasil Pinheiro Machado. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa. Luciana C. Pinto, 2022.

No que concerne ao que Brasil Machado intitula A historiografia de Oliveira Vianna (1883-1951)², citou os seguintes livros: 1. Populações meridionais do Brasil³; 1º volume –

² “Francisco José de Oliveira Viana, sociólogo e jurista, nasceu na localidade fluminense do Rio Seco de Saquarema, em 20 de junho de 1883, e faleceu em Niterói, RJ, em 28 de março de 1951. Filho de Francisco José



Populações rurais do Centro Sul (primeira publicação em 1918); 2º volume – O campeador Rio-grandense (1952); 2. Evolução do povo brasileiro (1922) e 3. Instituições Políticas brasileiras (1949).

Assim, o leitor Brasil Machado defendeu que “o que Oliveira Vianna procura é, pela interpretação dos documentos à luz das ciências sociais”, reagir contra uma historiografia tradicional, abrindo “novos rumos à historiografia brasileira. Em sua obra, Oliveira Vianna procura harmonizar o método histórico com os métodos das ciências sociais”. (MACHADO, 2002, p. 13 e 16). Com essa crítica à historiografia tradicional, nesse diálogo interdisciplinar com as Ciências Sociais, Brasil Machado cita o intelectual carioca:

... duas coisas (que) não aparecem nas obras dos nossos velhos historiadores senão furtivamente e a medo, duas coisas sem as quais se torna defectiva e parcial. A primeira é o povo, a massa humana sobre que atuam os criadores aparentes da história: vice-reis, governadores gerais (...) diretamente despachados da metrópole. A segunda é o meio cósmico, o ambiente físico, em que todos se movem, o povo e os dirigentes, e onde um e outro haurem o ar que respiram e o alimento que lhes nutre as células e que age com o seu relevo, a sua estrutura, o seu subsolo, a sua hidrografia, a sua flora, a sua fauna, o seu clima, as suas correntes atmosféricas e as suas intempéries. (MACHADO, 2002, p. 13).

Segundo Brasil Machado, “o sistema brasileiro de propriedade territorial” seria “o ponto de referência da história da formação da sociedade brasileira, no pensamento de Oliveira Vianna”. (MACHADO, 2002, p. 19)

Brasil Pinheiro Machado foi um leitor das obras do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987)⁴. Os livros citados foram 1. Casa grande e senzala – 1ª publicação em

de Oliveira Viana e D. Balbina Rosa de Azeredo Viana, de tradicionais famílias fluminenses. Estudou no Colégio Carlos Alberto em Niterói. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de Niterói em 1906. Dedicou-se ao magistério em 1916, como professor de Direito Penal dessa Faculdade (1932-1940)”. Fonte: ACADEMIA BRASILEIRA. Biografia Oliveira Vianna. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/oliveira-viana/biografia>. Acesso em: 10-06-2022.

³ “O primeiro livro *Populações meridionais do Brasil* (1920) causou grande impacto pela nova visão ao encarar os problemas sociológicos do país. Os livros subsequentes, *Pequenos estudos de psicologia social* (1921) e *Evolução do povo brasileiro* (1923), este como contribuição ao censo de 1920, confirmaram essa posição. Uma das obras, *Raça e assimilação* (1932), representava uma visão tradicional dos problemas da raça, e deu margem a polêmicas. Oliveira Viana reformulou em trabalhos posteriores esta visão e o livro não foi mais reeditado. Dois outros livros de Oliveira Viana vieram provar, em segundas edições, o seu prestígio: *O ocaso do Império* (1925) e *O idealismo na Constituição* (1927)”. Fonte: ACADEMIA BRASILEIRA. Biografia Oliveira Vianna. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/oliveira-viana/biografia>. Acesso em: 10-06-2022.

⁴ “Gilberto Freyre nasceu em uma família de antigos proprietários de engenhos e comissários de açúcar. Em pleno período de deslocamento do eixo econômico para o sudeste e de transformações na produção açucareira,



1934; 2. Sobrados e Mucambos – 1ª publicação em 1936; 3. Ordem e progresso – (1959). Entretanto, com relação à historiografia de Freyre, Brasil Machado explicou para o leitor:

O que aqui estamos denominando de historiografia na obra de Gilberto Freyre, é a história social do patriarcado brasileiro. Não é uma história de método tradicional. (...) O objetivo dessa historiografia não é propriamente o acontecimento, mas as formas e os processos sociais, não como conceitos, mas como se manifestaram na realidade histórica. (MACHADO, 2002, p. 37)

Neste momento, a intenção é abordar as informações das fontes que são os textos de Brasil Machado. Com relação à escrita, o historiador faz citações longas tanto de Vianna quanto de Freyre. Os textos não apresentam críticas aos autores lidos, mas destacam as contribuições de ambos para a historiografia. Nesse sentido, como adiantou Tizzot no texto de apresentação do livro de Brasil Machado *Três cadernos de História, ideias e reflexões*, o historiador destaca que a historiografia de Freyre não prioriza o acontecimento, mas os processos sociais numa dada realidade histórica.

Contudo, mesmo não sendo o foco aqui, convém lembrar brevemente certas críticas bastante pertinentes que os livros lidos por Brasil Machado receberam: em Oliveira Vianna, acerca da sua participação no governo de Getúlio Vargas (1882-1954), como argumenta o historiador Fábio Hanna:

... vemos que em *Populações Meridionais do Brasil* o elitismo e autoritarismo de Oliveira Vianna, enquanto projeto político para a modernização do Brasil, estão fundamentados. Quando passa a colaborar com Vargas, a partir de 1932, não faz mais do que pôr em prática sua visão – consolidada desde a década de 10 - sobre a organização político-social que, por conseguinte, corrobora sua visão elitista. (HANNA, 2003, p. 33).

Ainda sobre o livro de Vianna, *Populações meridionais do Brasil*, ao analisar a obra, Hanna argumenta que “o livro pode ser considerado um balanço ou uma justificativa de toda a

alguns de seus parentes assistiram ao declínio dramático do modo de vida aristocrático. Os pais de Freyre não foram arruinados, mas tampouco estavam entre os mais ricos: seu pai era professor do Ginásio Pernambucano formado na tradicional Faculdade de Direito do Recife; a mãe concluiu a formação escolar no tradicional colégio de freiras São José e foi, como o pai, figura importante no estímulo intelectual ao filho”. Fonte: MEUCCI, Simone. Gilberto Freyre. Disponível em: <https://www.sbsociologia.com.br/project/gilberto-freyre/>. Acesso em: 10-06-2022.



política de Getúlio Vargas, principalmente do Estado Novo e, consequentemente, de sua atuação neste governo”. (HANNA, 2003, p. 33).

Sobre o livro **Casa Grande e Senzala** de Gilberto Freyre, Luis Claudio Palermo argumenta a importância do pensamento do escritor, mesmo este sendo criticado por contribuir para a ideia de uma “democracia racial” no Brasil:

Portanto, ainda que Freyre tenha concedido, analiticamente, ao colonizador português a liderança e o mérito de ser o agente que criou condições à colonização fincada na miscigenação, tendo em vista o caráter cosmopolita deste povo, não se deve negar que a valorização da função dos povos africanos na sociedade brasileira é um referencial interpretativo importante no legado deixado por essa matriz de pensamento, ainda que essa mesma interpretação seja criticada por alguns autores pela possibilidade de nutrir, em seu bojo, a ideia de democracia racial (cf. SOUZA, 2005; 2006; FONTELLA; FARINATTI, 2008, p. 126). (PALERMO, 2017, p. 329)

Em outro momento, porque o esforço do historiador Palermo é trazer as concepções clássicas e atuais da historiografia da escravidão, ele traz para o debate a atuação da Escola Paulista de Sociologia, que se opõe à teoria de Gilberto Freyre:

Uma das características principais que pode ser inicialmente destacada é que esses pesquisadores da referida Escola passaram a rivalizar com o paradigma freyreano, propondo, desse modo, uma nova abordagem e interpretação acerca do papel da escravidão na formação do Brasil, estatuidando, gradativamente, uma nova “tradição eletiva” (cf. FERNÁNDEZ SEBÁSTIAN, 2014).

A posição desses sociólogos ligados à USP denotava preocupação bem diferentes das que haviam sido formuladas pelo sociólogo pernambucano. As divergências políticas, ideológicas, teóricas e interpretativas giravam em torno de questões importantes, como, por exemplo, a relação senhor e escravo, o papel do negro e da cultura negra na formação do Brasil, o papel do capitalismo internacional na escravidão brasileira, entre outras. Tais questões, vale ressaltar, produziam um diálogo substancial com o contexto desse período de retorno democrático na política brasileira e também vislumbrava marcar uma posição de futuro na historiografia. (PALERMO, 2017, p. 330, 331)

Para esta proposta, mostro parte da fonte bibliográfica que é o livro de Brasil Pinheiro Machado, com informações que auxiliam na compreensão do contexto em que Brasil Machado escreveu – o processo de modernização brasileira na primeira metade do século XX



– onde certos intelectuais também priorizaram o conhecimento histórico-sociológico em seus estudos e pesquisas, o distanciamento da história tradicional e a valorização de uma historiografia que priorizava os processos sociais. Assim, constatamos algumas reações do leitor/historiador que, entusiasmado, destacou a importância dos sociólogos Oliveira Vianna e Gilberto Freyre, contribuindo no diálogo interdisciplinar com a História.



OLIVEIRA VIANNA
Da Academia Brasileira

POPULAÇÕES MERIDIONAIS DO BRASIL

HISTÓRIA — ORGANIZAÇÃO — PSICOLOGIA

SEGUNDO VOLUME (PÓSTUMO)

O CAMPEADOR RIO-GRANDENSE

Livraria JOSÉ OLYMPIO *Editora*



Imagem 2: Capa do livro. OLIVEIRA VIANA, Francisco José de. Populações meridionais do Brasil. 2º vol. Rio de Janeiro: José Olympo, 1952. 368 p. Fonte: Flávia Santos leilões. Disponível em: <https://www.flaviasantosleiloes.com.br/peca.asp?Id=4072494>. Acesso em: 05-09-2022.

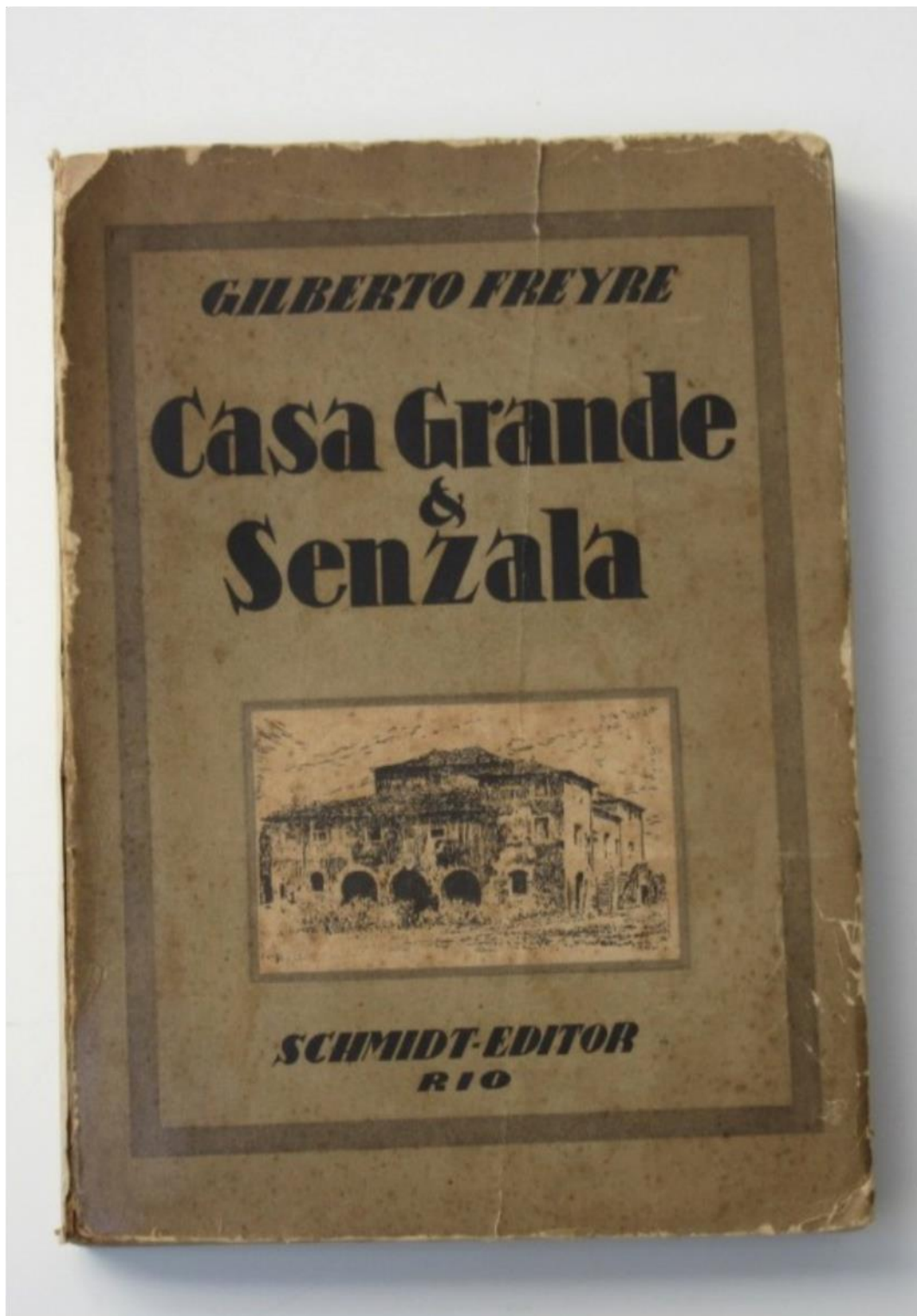


Imagem 3: Capa do livro. FREYRE, Gilberto. Casa grande e senzala. 3º ed. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1938. 364p. Flávia Santos leilões. Disponível em: <https://www.flaviasantosleiloes.com.br/peca.asp?ID=1693690>. Acesso em: 05-09-2022.



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

HANNA, Fábio Tadeu Vighy. Caio Prado Jr. e Oliveira Vianna: interpretações do Brasil e projetos políticos para a modernização brasileira. *Akrópolis*, Umuarama, v.11, nº .1, jan./mar., 2003. P. 27-34.

PALERMO, Luis Claudio. Disputas no campo da historiografia da escravidão brasileira: perspectivas clássicas e debates atuais. *Dimensões*. N. 39, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/18638>. Acesso em: 05-01-2021.

TIZZOT, Frederico Marés. Apresentação. In: MACHADO, B. P. *Três cadernos de história: ideias e reflexões*. Curitiba: Arte e Letra, 2002.

FONTE BIBLIOGRÁFICA

MACHADO, Brasil Pinheiro. *Três cadernos de história, ideias e reflexões*. Curitiba: Arte e Letra, 2002. Acervo Brasil Pinheiro Machado. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa.

FONTE IMAGÉTICA

Imagem 1: Capa do livro. MACHADO, B. P. *Três cadernos de história, ideias e reflexões*. Curitiba: Arte e Letra, 2002. Acervo Brasil Pinheiro Machado. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa. Luciana C. Pinto, 2022.

Imagem 2: Capa do livro. OLIVEIRA VIANA, Francisco José de. *Populações meridionais do Brasil*. 2º vol. Rio de Janeiro: José Olympo, 1952. 368 p. Fonte: *Flávia Santos leilões*. Disponível em: <https://www.flaviasantosleiloes.com.br/peca.asp?Id=4072494>. Acesso em: 05-09-2022.

Imagem 3: Capa do livro. FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 3º ed. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1938. 364p. *Flávia Santos leilões*. Disponível em: <https://www.flaviasantosleiloes.com.br/peca.asp?ID=1693690>. Acesso em: 05-09-2022.